



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE**  
**CURSO DE BACHARELADO EM FARMÁCIA**

**JESSICA SILVA DE MEDEIROS**

**PREVALÊNCIA DO USO DE MEDICAMENTOS PELA COMUNIDADE**  
**UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

**CUITÉ – PB**

**2022**

**JESSICA SILVA DE MEDEIROS**

**PREVALÊNCIA DO USO DE MEDICAMENTOS PELA COMUNIDADE  
UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande - Centro de Educação e Saúde, como parte dos requisitos obrigatórios para obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andrezza Duarte Farias.

**CUITÉ – PB**

**2022**

M488p Medeiros, Jessica Silva de.

Prevalência do uso de medicamentos pela comunidade universitária: uma revisão integrativa. / Jessica Silva de Medeiros. - Cuité, 2022.  
34 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, 2022.

"Orientação: Profa. Dra. Andrezza Duarte Farias".

Referências.

1. Medicamentos. 2. Utilização de medicamentos. 3. Medicamentos - comunidade universitária. 4. Docentes - adoecimento. 5. Discentes - adoecimento. I. Farias, Andrezza Duarte. II. Título.

CDU 615.4(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE - CES  
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP  
58429- 900  
Telefone: (83) 3372-1900 Site: <http://ces.ufcg.edu.br>

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS  
FOLHA DE ASSINATURA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**JESSICA SILVA DE MEDEIROS**

**PREVALÊNCIA DO USO DE MEDICAMENTOS PELA COMUNIDADE  
UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à avaliação para obtenção de grau Bacharel em Farmácia, pela Universidade Federal de Campina Grande - Centro de Educação e Saúde.

Aprovado em: 24/03/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

Profª. Drª. Andrezza Duarte Farias (Orientadora) - UFCG  
Profª. Drª. Camila de Albuquerque Montenegro (Examinadora 1) - UFPE  
Profª. Drª. Yonara Monique da Costa Oliveira (Examinadora 2) - UFCG  
Profª. Drª. Júlia Beatriz Pereira de Souza (Suplente) - UFCG



Documento assinado eletronicamente por **ANDREZZA DUARTE FARIAS, PROFESSOR 3 GRAU**, em 25/03/2022, às 10:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **YONARA MONIQUE DA COSTA OLIVEIRA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 25/03/2022, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **CAMILA DE ALBUQUERQUE MONTENEGRO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/03/2022, às 00:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **2211169** e o código CRC **D48B1A11**.

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida, em especial durante minha trajetória acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família, principalmente aos meus pais Vicência Caetana da Silva Medeiros e Joaci Silva de Medeiros, que sempre batalharam para me proporcionar o melhor, prestando todo o amor, apoio e suporte durante minha jornada acadêmica. Sem eles esse sonho não seria possível.

Aos meus avós (*in memorian*), irmãos, sobrinhos, e minha tias de sangue e de coração, pelo incentivo.

Aos amigos que fiz durante a graduação, em especial a Wanderleya Medeiros, Priscila de Andrade Dantas e Maria Jéssica de Souza Lima pelas palavras de incentivo e conforto em todos os momentos, e por sempre se fazem presentes mesmo à distância.

A todos que fazem parte da 4ª Gerência Regional de Saúde de Cuité - PB, do Bio Análises Laboratório e da Phamafácil, localizados na minha cidade natal, Parelhas - RN, onde realizei os estágios supervisionados, que foram de suma importância para minha formação como futura farmacêutica.

A minha orientadora, Andrezza Duarte Farias, por ter aceitado o meu convite e por toda paciência, apoio e contribuição que foram de grande importância para a elaboração deste trabalho. Serei eternamente grata, pelos aprendizados e conselhos prestados.

Por fim, agradeço a Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cuité, em especial ao corpo docente e banca examinadora, Camila de Albuquerque Montenegro e Yonara Monique da Costa Oliveira.

“Que o futuro nos traga dias melhores e a capacidade de construir a Universidade que está nos nossos corações, nas nossas mentes e nas nossas necessidades.”

Florestan Fernandes.

## RESUMO

A extensa carga de trabalho e de estudos associados à pressão por um produtivismo exacerbado e melhores notas vêm gerando um adoecimento entre docentes e em estudantes, tornando-se um fator determinante no aumento do uso de medicamentos pelos mesmos. O presente trabalho teve como objetivo verificar a prevalência e fatores associados à utilização de medicamentos pela comunidade universitária. Para tanto, foi feita uma revisão da literatura do tipo integrativa, buscando artigos em bases de dados nacionais e internacionais *Eletronic Libary Online (SciELO)*, Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *PubMed*, entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022, publicados nos últimos 10 anos. Foram incluídos 16 artigos, em que a maioria abordou a automedicação por estudantes, cujas as classes de medicamentos mais utilizadas foram analgésicos, anti-inflamatórios e antitérmicos, com uma prevalência do sexo feminino. Por fim, percebeu-se a carência de estudos sobre uso de medicamentos pelos docentes. O estudo possibilitou evidenciar a prática da automedicação na comunidade universitária, o que conduz às reflexões sobre estratégias que conscientizem e racionalizem o uso de medicamentos, principalmente por estudantes.

**Palavras-chave:** Utilização de Medicamentos. Estudantes. Docentes. Universidade. Ensino Superior.

## ABSTRACT

The extensive workload and studies associated with the pressure for an exacerbated productivity and better grades have been generating illness among professors and students, becoming a determining factor in the increase in the use of medication by them. The present study aimed to verify the prevalence and factors associated with the use of medication by the university community. Therefore, an integrative literature review was carried out, searching for articles in national and international databases *Electronic Library Online (SciElo)*, Regional Portal of the Virtual Health Library (BVS) and *PubMed*, between November 2021 and February 2022, published in the last 10 years. Sixteen articles were included, most of which addressed self-medication by students, whose most used drug classes were analgesics, anti-inflammatory and antipyretic, with a female prevalence. Finally, the lack of studies on the use of medicines by teachers was noticed. The study made it possible to highlight the practice of self-medication in the university community, which leads to reflections on strategies that raise awareness and rationalize the use of medicines, especially by students.

**Keywords:** Use of Medicines. Students. Teachers. University. University Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AINEs – Anti-Inflamatórios Não Esteroidais

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

COVID-19 – Coronavírus *disease* 2019

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

IES – Instituições de Ensino Superior

MIPs – Medicamentos Isentos de Prescrição

URM – Uso Racional de Medicamentos

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - Fluxograma da pesquisa em bases de dados eletrônicas e seleção dos artigos científicos .....	<b>20</b>
---	-----------

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> – Descrição dos artigos utilizados nessa revisão integrativa sobre o uso de medicamentos pela comunidade universitária .....	<b>21</b>
---	-----------

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>13</b>
2.1 Objetivo geral .....	13
2.2 Objetivos específicos .....	13
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>14</b>
3.1 Uso de medicamentos em ambiente acadêmico .....	14
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
4.1 Tipo de estudo .....	18
4.2 Procedimentos da pesquisa e coleta de dados .....	18
4.3 Critérios de inclusão .....	18
4.4 Critérios de exclusão .....	19
4.4 Síntese de dados.....	19
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>6 CONCLUSÕES.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A extensa carga de trabalho e de estudos associados a pressão por um produtivismo exacerbado e melhores notas, tem gerado um adoecimento nos membros da comunidade universitária. A interferência do ambiente acadêmico na saúde mental de docentes e discentes se tornou um fator determinante no aumento do uso de medicamentos pelos mesmos. O sofrimento e adoecimento se tornaram uma forma de reação aos obstáculos encontrados na universidade, e uma das maneiras mais utilizadas para “solucioná-los” tem sido através da automedicação. Esta prática vem sendo cada vez mais difundida nessa população, servindo como um alívio para problemas psíquicos, como depressão, ansiedade, estresse, e para problemas voltados para a dor física (FACCI; ESPER, 2020).

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), o termo automedicação é entendido como ato de ingerir o medicamento por conta própria, sem qualquer indicação e/ou acompanhamento de um profissional de saúde devidamente qualificado (OPAS, OMS, 2012).

O uso irracional de medicamentos representa um grave problema de saúde pública, seu uso abusivo e desnecessário tem se mostrado crescente. Além dos efeitos terapêuticos, os fármacos quando usados de forma incorreta podem gerar diversos problemas a saúde, agravando o quadro clínico do indivíduo, causando dependência, elevando o risco de interações com outros medicamentos, podendo anular ou potencializar seus efeitos, assim, contribuindo com os níveis elevados de intoxicação (MOURA *et al.*, 2016).

Os medicamentos são de imensa importância no sistema de saúde e, quando utilizados de maneira correta, tornam-se os grandes responsáveis pela recuperação de pacientes. Fazendo-se fundamental a implantação de medidas que qualifiquem os serviços de saúde (LIMA *et al.*, 2017). No entanto, pensar em uma alternativa para promover a racionalidade é uma tarefa difícil, que envolve vários aspectos sociais, econômicos, educativos, epistemológicos e clínicos (ESHER; COUTINHO, 2017).

Desta forma, o estudo sobre a utilização de medicamentos pela comunidade universitária permite evidenciar as problemáticas envolvidas na sua utilização a fim de buscar melhorias na promoção do Uso Racional de Medicamentos (URM), de maneira que possa ajudar essa população.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Conhecer a prevalência e os fatores associados ao uso de medicamentos pela comunidade universitária através de uma revisão integrativa da literatura.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Caracterizar os integrantes da comunidade universitária que utilizam medicamentos;
- Identificar os medicamentos mais utilizados pela comunidade universitária;
- Verificar fatores associados ao uso de medicamentos pela comunidade universitária.

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

#### 3.1 Uso de medicamentos em ambiente acadêmico

Os descasos dos governantes em relação às instituições públicas de ensino superior são motivos antigos de insatisfações e integram a precariedade de longa data na maioria das universidades públicas brasileiras (BORSOI; PEREIRA, 2013).

Essas universidades vêm sofrendo cortes financeiros e a efetuação de políticas educacionais que desvalorizam o papel do professor, provocando perdas de direitos e instabilidade. A precarização do trabalho gera o aumento das atividades docentes e, conseqüentemente, à invasão do trabalho ao ambiente particular, ocasionando sobrecarga e problemas de saúde. O adoecimento que culmina com o uso de medicamentos está fortemente relacionado ao ambiente de trabalho. Transtornos de níveis emocionais, como depressão e ansiedade, estresse, desgaste emocional e sobrecarga, estão entre as principais causas que levam ao uso de medicamentos por professores (FACCI; ESPER, 2020).

As instituições de ensino exigem, em sua maioria, muitas capacitações dos professores. Dessa forma, o trabalhador da educação recebe atividades que transcendem as funções do seu campo profissional. Essas atribuições fazem do trabalho docente uma profissão cheia de conflitos, que favorecem o desenvolvimento da Síndrome de Burnout, uma doença psíquica caracterizada pela exaustão excessiva, relacionada ao trabalho. Muitos sinais e sintomas da síndrome são muito semelhantes aos da depressão e do estresse. Por consequência dos sintomas de exaustão física e emocional, irritação, ansiedade e tristeza, existe um declínio no desenvolvimento das atividades laborais, que pode comprometer a atividade profissional do professor. Com o desenvolvimento da síndrome, é comum o surgimento de outras doenças, como alergias, insônia e dores de cabeça e, com isso, pode-se surgir o uso abusivo de medicamentos (VIDAL, 2017).

Os educadores fazem o uso da automedicação principalmente como uma forma de mediação do sofrimento, para aliviar os sintomas causados ou desencadeados pela docência. O aumento do número de horas da jornada laboral e a ocupação de algum outro cargo, como a coordenação do curso, são responsáveis por elevar o desgaste mental, levando à exaustão e adoecimento dos docentes. A necessidade de executar várias tarefas, a burocratização, a ausência de diálogos e a intensificação de sua carga, assim como a elevada demanda por produção, dificultam a fluidez do trabalho, que acaba por exceder a vida profissional e, assim, fragilizam os vínculos afetivos inclusive em sua vida pessoal. Dessa forma, muitos professores

que apresentam problemas de saúde física e emocional recorrem ao uso indiscriminado de medicamentos (VIVIAN; TRINDADE; VENDRUSCOLO, 2020).

Esse processo de sofrimento e/ou adoecimento do docente interligado aos aspectos de seu trabalho, está relacionado à grande demanda de atividades acadêmicas e a sobrecarga de ensino (aulas, orientações, supervisões, etc.). A quantidade e a diversidade dessas atividades são alguns dos principais fatores que sobrecarregam os educadores, invadindo, assim, seu ambiente particular e dificultando o tempo para o descanso, e a vida familiar e social. Além disso, essa mesma sobrecarga impede que eles realizem suas pesquisas e publicações de acordo com seu próprio ritmo (BORSOI; PEREIRA, 2013).

Entre os estudantes universitários, a extensa carga horária e grande quantidade de conteúdo a serem aprendidos tem contribuído para o crescente uso abusivo de medicamentos. A causa mais frequente para tal prática, é o propósito de melhorar o desempenho cognitivo, reduzindo a sensação de cansaço e aumentando os níveis de concentração (ANDRADE *et al.*, 2020).

O estilo de vida adotado pelos discentes corroboram com a necessidade de ficarem mais tempo acordados e ativos para suprir a demanda de estudos, além da preocupação com o rendimento acadêmico e a cobrança imposta pelos próprios alunos e pela sociedade. Esses fatores contribuem para um aumento no uso de fármacos estimulantes. Contudo, esse padrão irregular do sono pode provocar alterações no funcionamento não só cognitivo, mas também social e físico, prejudicando a qualidade de vida do estudante. O uso dessas substâncias pode causar estresse, modificações no raciocínio, humor e comportamento, e levar à dependência química. Esses efeitos provocam uma diminuição do desempenho acadêmico e podem gerar transtornos psiquiátricos diversos (MENDES *et al.*, 2015).

Os sintomas de estresse corroboram fortemente para o abuso de substâncias, muitas vezes, a ansiedade causada pelas provas é considerada gatilho para que esse problema ocorra entre os educandos. A prática da automedicação entre os discentes e docentes de diversas áreas têm sido recorrentes, principalmente entre os dos cursos da área da saúde, em função de apresentarem um conhecimento mais amplo sobre os medicamentos, quando comparados à população em geral. Alguns dos fatores que mais contribuem para essa prática são a acessibilidade de compra de fármacos sem a necessidade de prescrição médica, a facilidade de encontrar informações na internet ou em outros meios de comunicação, a influência e indicações de remédios feitas por amigos, familiares e vizinhos, e a reutilização das sobras de prescrições antigas, prolongando ou interrompendo precocemente o tratamento indicado (LIMA *et al.*, 2021).

Um dos principais fatores que contribuem para a execução da automedicação no ambiente acadêmico, é que muitos subestimam certos fármacos, considerando-os menos potentes e/ou que não causariam danos, tornando-se dispensável a consulta médica. Mas, dependendo do tempo de uso, dosagem e classificação, alguns medicamentos podem causar graves problemas à saúde, como sangramentos, úlceras, induzir infarto e o desenvolvimento de resistência antimicrobiana, deste modo, dificultando o tratamento de doenças bacterianas. O uso prolongado também pode gerar efeitos como modificações no humor e raciocínio, insônia, estresse e a dependência química, que pode prejudicar a vida social do usuário (BERNARDES *et al.*, 2020).

Isso ocorre devido a uma ideia errônea, de que medicamentos sem receitas não fazem mal a saúde. Mas, os fármacos isentos de prescrição médica também podem causar reações adversas, apresentando riscos e efeitos colaterais. Além disso, as propagandas comerciais têm um forte impacto na venda desses produtos, estimulando a sua aquisição e uso frequente, apenas ressaltando os benefícios e omitindo as informações referentes a sua segurança, contribuindo para uma rápida difusão da automedicação e conseqüentemente aumentando o número de intoxicações medicamentosas (SOBRAL *et al.*, 2018).

A pandemia da COVID-19 promoveu muitas mudanças e a adoção de novas metodologias no ensino universitário. Com isso, as incertezas sobre o futuro neste momento de instabilidade, acarretaram o desenvolvimento e agravamento de transtornos psíquicos entre a comunidade universitária. Os efeitos psicológicos em estudantes, como ansiedade, preocupação e medo, associados à quarentena e isolamento social, são agravados quando o indivíduo possui antecedentes psiquiátricos, além de atingir pessoas previamente saudáveis. A interrupção das aulas presenciais contribuiu ainda mais para o surgimento de efeitos negativos. Além da perda do contato diário com amigos, colegas e professores, as interrupções de projetos de pesquisas e estágios comprometem o tempo, atrasando a graduação e, com isso, muitos discentes têm os seus sintomas psicológicos agravados, aumentando o risco de suicídios e o uso indevido de substâncias (RODRIGUES *et al.*, 2020).

Esses tempos pandêmicos - onde a privação do convívio social, a sobrecarga de tarefas domésticas mescladas às profissionais-, trouxe modificações profundas nas relações entre professores e estudantes. Os educadores foram compelidos a se reinventarem, devido aos conteúdos acadêmicos que passaram a ser adaptados via ferramentas digitais, além de um aumento significativo da carga horária de trabalho de muitos, sobretudo das mulheres. Sendo assim, muitas são as causas de desencadeamento do adoecimento físico e psíquico do docente e a relação destes sofrimentos com a precarização de suas condições de trabalho, ocasionando

um aumento significativo do uso de psicofármacos pelos mesmos (LADEIRA; PADRO; INSFRAN, 2020).

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Tipo de estudo**

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Este tipo de trabalho consiste em um método de pesquisa, cujo intuito é desenvolver uma análise sobre um tema já investigado, sobre o qual há trabalhos na literatura, permitindo a síntese dos estudos já publicados (DOS SANTOS; ARAÚJO; OLIVEIRA, 2020).

Para a elaboração desse trabalho foram realizadas as seis etapas de uma revisão integrativa. A primeira caracterizada pela elaboração da pergunta norteadora, seguida da busca em bases de dados na literatura, assim como sua coleta, com o intuito de demonstrar resultados fidedignos (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). A quarta fase consistiu na organização rigorosa das informações. A quinta fase foi a discussão dos resultados, e a última fase compreendeu a apresentação da revisão (SOARES *et al.*, 2019).

Com fundamento no conceito de revisão integrativa e no conhecimento de suas etapas, elaborou-se a questão norteadora: Qual a prevalência e fatores associados ao uso de medicamentos pela comunidade universitária?

### **4.2 Procedimentos da pesquisa e coleta de dados**

O presente trabalho foi elaborado através de uma pesquisa em bases de dados de periódicos, com o objetivo de obter artigos científicos, periódicos, que abordem o tema de forma ampla. A pesquisa foi realizada entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022 através de arquivos disponíveis nas seguintes bases de dados eletrônicas: *Eletronic Libary Online (SciElo)*, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *PubMed*. Foram utilizados os seguintes descritores em português e inglês “Utilização de medicamentos”, “Estudantes”, “Docentes”, “Universidades” e “Ensino Superior”, para busca dos artigos.

As variáveis aplicadas foram: sexo; idade; ano de publicação; local de estudo; população de estudo; prevalência de uso de medicamentos; principais medicamentos e principais problemas de saúde.

### **4.3 Critérios de inclusão**

A partir das buscas foram selecionados artigos publicados em português e inglês, nos últimos 10 anos, que responderam os objetivos da pesquisa.

#### **4.4 Critérios de exclusão**

Foram excluídos artigos e/ou publicações que continham a temática de forma não compatível com o da revisão bibliográfica e que não possuíam o período delimitado no trabalho.

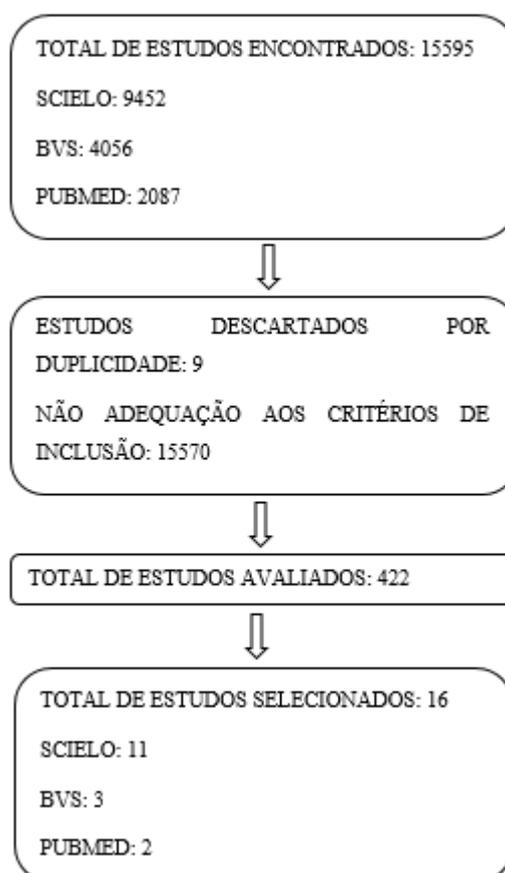
#### **4.5 Síntese de dados**

Os dados coletados dos artigos foram divididos em categorias para uma melhor compreensão. Dessa forma foram separados os estudos que tinham como público-alvo estudantes e professores, para encontrar as variáveis e principais informações, como as causas que levaram a automedicação, os medicamentos mais utilizados, entre outros.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das buscas de artigos dos últimos 10 anos, foram encontrados 15595 artigos nas seguintes bases de dados eletrônicas: *Scielo*, *BVS* e *PubMed* (figura 01).

**Figura 01.** Fluxograma da pesquisa em bases de dados eletrônicas e seleção dos artigos científicos.



**Fonte:** Autoria própria, 2022.

Dos 15595 artigos encontrados, 15579 foram descartados por não atenderem os seguintes critérios: por duplicidade (09) e por não apresentarem abordagens compatíveis aos objetivos desta revisão (15570). Após isso, foram identificados 423 potenciais artigos para compor este trabalho, dos quais, 407 foram excluídos após a leitura.

Foram selecionados 16 artigos, em sua maioria realizados nas regiões Nordeste (5), Sudeste (04) e Sul (03), tendo como público-alvo os estudantes (14). Todos os estudos

caracterizaram-se como pesquisas transversais, retratando o consumo de medicamentos no momento e evidenciando a carência de estudos longitudinais (quadro 01).

**Quadro 1:** Descrição dos artigos utilizados nessa revisão integrativa sobre o uso de medicamentos pela comunidade universitária, 2022

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Local de Estudo</b>	<b>Público-alvo</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>
Galato; Madalena; Pereira, 2012	Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação	Investigar a influência da área de formação de universitários na prática da automedicação	Santa Catarina - Brasil	Estudantes	18 a 49 anos	69,7% feminino
Pinheiro <i>et al.</i> , 2013	Avaliação transversal do perfil de indivíduos portadores de nível superior praticantes de automedicação	Verificar a prevalência da automedicação entre indivíduos com nível superior completo	São Paulo - Brasil	Estudantes (Pós-graduação)	± 26,3 anos	80% feminino
Bataier <i>et al.</i> , 2017	Automedicação entre docentes de nível superior	Identificar o perfil de docentes de nível superior que efetuam a prática da automedicação	Mato Grosso - Brasil	Professores	30 a 60 anos	51% feminino
Feitas; Marques; Duarte, 2017	Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista	Verificar a prevalência da automedicação entre universitários da área de saúde em uma instituição privada em Vitória da Conquista	Bahia - Brasil	Estudantes	-	74,6% feminino
Lima <i>et al.</i> , 2017	Avaliação da prática de automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição	Analisar a prevalência da automedicação em acadêmicos do curso de Farmácia em uma	Ceará - Brasil	Estudantes	18 a 51 anos	72,68% feminino

	privada de ensino superior em Fortaleza-CE	instituição privada de Fortaleza				
Gama; Secoli, 2017	Self-medication among nursing students in the state of Amazonas – Brazil	Determinar a prevalência e os fatores associados à automedicação entre estudantes de enfermagem	Amazonas - Brasil	Estudantes	-	61,4% feminino
Tarley <i>et al.</i> , 2018	Estudo comparativo do uso da automedicação entre universitários da área da saúde e universitários de outras áreas não relacionados à saúde na Universidade de Marília-SP	Comparar o uso indiscriminado de automedicação entre universitários da área da saúde e universitários de áreas não relacionados à saúde	São Paulo - Brasil	Estudantes	18 a maior de 24 anos na área da saúde Menor de 18 a 24 anos nas áreas não relacionadas a saúde	81,5% feminino na área da saúde 52% masculino nas áreas não relacionadas a saúde
Santos <i>et al.</i> , 2018	Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior	Caracterizar a prática da automedicação entre os acadêmicos de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior	Maranhão - Brasil	Estudantes	20 a 40 anos	79,2% feminino
Cruz <i>et al.</i> , 2019	Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas	Investigar a prevalência da automedicação em universitários da área de saúde e de humanas	São Paulo - Brasil	Estudantes	18 a 29 anos	59% feminino
Silva <i>et al.</i> , 2019	Uso indiscriminado de analgésicos por discentes de uma instituição de ensino superior: um risco imperceptível	Verificar o uso de analgésicos por estudantes universitários sem indicação médica, além de relatar a frequência e a correlação com a carga horária trabalhada	Brasil	Estudantes	18 a 50 anos	73,3% feminino

Colares <i>et al.</i> , 2019	Prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem	Conhecer a prevalência da automedicação e os fatores associados a essa prática entre os acadêmicos do curso de Enfermagem	Minas Gerais - Brasil	Estudantes	18 a 42 anos	86,01% feminino
Fernandes <i>et al.</i> , 2020	Automedicação: a prática entre discentes do curso de biomedicina de uma instituição de ensino superior do interior do Tocantins	Identificar o perfil e a prática dos discentes do curso de biomedicina do Instituto Educacional Santa Catarina - Faculdade Guaraí, no município de Guaraí - TO, em relação a prática da automedicação sem prescrição médica	Tocantins - Brasil	Estudantes	18 a 55 anos	88% feminino
Vivian; Trindade; Vendruscolo, 2020	Prazer e sofrimento docente: estudo na pós-graduação stricto sensu	Identificar as situações geradoras de estímulo e dificuldade no processo docente da pós-graduação stricto sensu	Santa Catarina - Brasil	Professores	Média de 46,5 anos	61,7% masculino
Santos; Dos Santos; Luz, 2021	A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos para combate ao COVID-19 por estudantes do curso de farmácia e profissionais de uma instituição de ensino superior privada	Avaliar o quanto a hiperinformação aumentou o uso irracional de medicamentos e a automedicação durante a pandemia do COVID-19	Bahia - Brasil	Estudantes	18 a 55 anos	77,4% feminino
Lima <i>et al.</i> , 2021	A prática da automedicação por universitários	Evidenciar e discutir os dados descritos na literatura acerca da automedicação entre os	Brasil	Estudantes	-	-

		universitários, bem como analisar os fatores que contribuem para essa prática				
Andrade; Moreno; Lopes-Ortiz, 2021	Perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população universitária, frente a pandemia da Covid-19	Avaliar o perfil de uso de medicamentos, em uma população universitária, frente a Pandemia da Covid-19	Paraná - Brasil	Estudantes	17 a 26 anos	84,75% feminino

**Fonte:** Autoria própria, 2022.

Dos 16 estudos utilizados nesta revisão, 14 tem como público-alvo os estudantes, dentre estes, 13 evidenciaram a prevalência de automedicação entre o sexo feminino. Em contrapartida, no trabalho de Pinheiro *et al* (2013), 85% dos indivíduos que afirmaram fazer o uso de tal prática, eram 80% mulheres e 100% dos homens. Sendo assim, este é o único estudo presente, em que discentes do sexo masculino praticaram automedicação em maior escala que o público feminino. A predominância da prevalência entre o gênero feminino, dá-se pelo fato das mulheres cuidarem mais da saúde do que os homens, por estarem mais expostas à utilização de medicamentos em diversas fases de sua vida, devido à sua condição fisiológica, como na gestação, menopausa e durante o ciclo menstrual (FERNANDES *et al.*, 2020).

Observou-se que a faixa etária de maior predominância entre os alunos foi de 21 a 26 anos, conforme Lima *et al.*, (2017) e Tarley *et al.*, (2018). Essa faixa etária reflete a das pessoas que cursam o ensino superior. Esses resultados podem ser justificados devido aos jovens quererem resultados imediatos, e muitas vezes, optam por não esperar em consultas médicas (LIMA *et al.*, 2017).

Nos trabalhos selecionados, observou-se que a prática de automedicação entre os acadêmicos apresentou elevada prevalência, variando de 76% a 99,51% (GAMA; SECOLI, 2017). Dos estudos revisados, 4 tinham como objetivo comparar essa prática entre estudantes de diferentes áreas do conhecimento. No estudo realizado por Cruz *et al.*, (2019) verificou-se uma prevalência parecida entre as áreas da saúde e de humanas, 39,6% e 38,5%, respectivamente. Esses resultados corroboram os encontrados por Lima *et al.*, (2021) e Tarley

*et al.*, (2018), que descrevem uma prevalência semelhante no que diz respeito à automedicação entre os discentes da área da saúde e aos pertencentes aos cursos de outras áreas. Somente a pesquisa de Pinheiro *et al.*, (2013) demonstrou uma elevada discrepância nos resultados, onde apenas 29% dos estudantes pertenciam a área da saúde. Nota-se que essa prática é muito difundida entre os diversos alunos, independente do curso que cada estudante pertence, fato este, que pode ser atribuído à falta de amadurecimento dos jovens (TARLEY *et al.*, 2018).

Apenas em um dos estudos, 6,4% dos educandos relataram ter apresentado problemas, como intoxicação, mascaramento de outros problemas de saúde, resistência bacteriana e as demais reações adversas aos medicamentos (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012).

No que diz respeito às principais influências que os levaram a tal prática, verificou-se que a interferência de familiares, amigos e vizinhos colaborou substancialmente na escolha do medicamento. Os discentes também afirmaram fazer a reutilização de receitas antigas, sendo assim, descumprindo a orientação profissional, prolongando ou interrompendo a posologia por conta própria. O uso incorreto de fármacos pode ocasionar diversos problemas à saúde do usuário, seja devido ao desenvolvimento de resistência microbiana ou a uma possível inadequação da dose medicamentosa, que pode gerar reações tóxicas ou acarretar reações adversas (FREITAS; MARQUES; DUARTE, 2017).

No Brasil, grande parte dos universitários não possui plano de saúde e não tem condições financeiras de pagar um plano de saúde privado. Essa falta de acesso aos serviços de saúde, assim como, a influência de fatores sociais, o acesso às informações a respeito dos medicamentos e a facilidade de compra juntamente com fatores culturais, tornam a prática de automedicação bastante comum (COLARES *et al.*, 2019).

Entre as fontes de informação sobre medicamentos que os indivíduos utilizavam para a prática da automedicação, os estudantes afirmaram em sua maioria que confiavam no farmacêutico (FREITAS; MARQUES; DUARTE, 2017; CRUZ *et al.*, 2019). O profissional farmacêutico desempenha um importante papel no intuito de ajudar a comunidade. Sua contribuição através de indicações ou prescrições de medicamentos, desde as orientações de seu uso, dose correta, tempo de tratamento, riscos e benefícios, são de suma importância para a promoção do uso racional de medicamentos. O cuidado farmacêutico objetiva minimizar as consequências provenientes da automedicação, como por exemplo, a intoxicação e interações medicamentosas (SOTEIRO; SANTOS, 2016).

Os estudos apontam que as causas mais frequentes que os levaram a prática de automedicação foram dor de cabeça, gripe, dor de garganta e dor muscular, febre, cólica e enjoo. Os fármacos mais propagados foram para resfriado/gripes, seguidos pelos xaropes para tosse, analgésico/antitérmicos, anti-inflamatórios, antialérgicos/anti-histamínico, descongestionantes nasais e antibióticos (PINHEIRO *et al.*, 2013; BATAIER *et al.*, 2017; TARLEY *et al.*, 2018; COLARES *et al.*, 2019). Os medicamentos mais utilizados por essa população foram paracetamol e dipirona, seguidos por diclofenaco e vitamina C (SANTOS *et al.*, 2018). Entre os antibióticos, destacaram-se cefalexina, amoxicilina e azitromicina (GAMA; SECOLI, 2017).

Os antimicrobianos são medicamentos que necessitam de receita médica para sua dispensação. A partir de 2011 eles passaram a ter controle especial como uma forma de reduzir o surgimento de resistência bacteriana, que impede a eficácia do tratamento e demora na cura do paciente. O uso abusivo de antibióticos pode estar relacionado com vários fatores, entre eles a prescrição e dispensação incorretas. Os usuários deveriam ser informados sobre seu uso correto desde o início até a finalização do tratamento, mas essas informações são muitas vezes deixadas de lado devido a demanda de muitos pacientes no aguardo (MORAES; ARAÚJO; BRAGA, 2016).

Apesar da dipirona, diclofenaco e paracetamol serem alguns dos medicamentos mais prescritos e comuns no ambiente domiciliar, também se encontram entre as principais substâncias provocadoras de intoxicações. Dos grupos farmacológicos, os AINES e analgésicos são os mais associados a esses riscos (FREITAS *et al.*, 2017). Estes últimos, são a classe de medicamento mais utilizados de forma abusiva, o que pode intensificar seus danos, pelo fato de os mesmos serem, em sua grande maioria, de venda livre (SILVA *et al.*, 2019).

Os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) são aprovados pelas autoridades sanitárias com o intuito de auxiliar no tratamento de sintomas e agravos menores, porém a população acabada utilizando de forma errônea devido a sua dispensação não necessitar de prescrição. Dessa forma, o farmacêutico tem um papel importante na promoção da saúde. Na automedicação responsável esse profissional busca auxiliar o usuário no tratamento de doenças com o uso de MIPs de maneira racional, contribuindo para o bem-estar e recuperação do paciente, minimizando os efeitos e reações adversas (SILVA *et al.*, 2018).

Dentre os artigos que fizeram uma análise do uso indiscriminado de medicamentos por estudantes universitários durante a Pandemia da COVID-19, Andrade, Moreno, Lopes-Ortiz (2021) constataram que 20,34% aumentaram a prática da automedicação durante este período. Por acreditarem como uma forma de prevenção ao vírus, 52,54% dos indivíduos reportaram

eventualmente fazer uso off label de medicamentos fazer uso eventual de medicamentos *off-label*. Entre os medicamentos mais utilizados estavam: ivermectina; cloroquina; hidroxicloroquina; vitamina d; vitamina c; azitromicina e dexametasona. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Santos, Dos Santos, Luz (2021), em que os indivíduos reportaram fazer uso eventual desses mesmos medicamentos para um tratamento preventivo da COVID-19. A justificativa dada pelos discentes em sua maioria foi a influência das grandes mídias e redes sociais, principalmente do *Instagram*, *WhatsApp* e *Twitter*. Os efeitos adversos mais relatados foram: cólicas, náuseas, diarreia, cefaleia, mal-estar, tonturas, alergias e arritmia ou taquicardia (PITTA *et al.*, 2021). A grande propagação de *Fake News* e o fácil acesso às informações de fármacos para usos preventivos e sem comprovação científica, vêm dificultando o trabalho dos profissionais da saúde (SANTOS; DOS SANTOS; LUZ, 2021). A procura e o uso desenfreado desses medicamentos podem causar danos aos usuários e, ainda, colocar em risco a disponibilidade deles para quem realmente precisa tratar outras doenças (PITTA *et al.*, 2021).

Nos dois trabalhos que identificaram a prática da automedicação entre professores, verificou-se que os que mais faziam uso da automedicação possuíam idade entre 31 a 60 anos. Vivian, Trindade, Vendruscolo (2020) identificaram uma média de 45 anos. Verificou-se que o sexo masculino representava 61% dos que se utilizavam de tal prática, em contraponto a outro estudo em que 51% dos entrevistados eram mulheres (BATAIER *et al.*, 2017).

Semelhante aos estudantes, observou-se que os medicamentos mais utilizados de forma abusiva por docentes, foram: analgésico-antitérmicos, seguidos dos anti-inflamatórios não esteroidais (AINES), antitussígenos, antialérgicos e antigripais. Das patologias listadas, dor de cabeça, resfriados/gripe, febre, dor muscular e infecções ou inflamações de garganta foram as principais causas para a automedicação (BATAIER *et al.*, 2017).

Nos estudos analisados, constatou-se que os professores que faziam o uso da automedicação atuavam em média há 15 anos na docência. Comprovando que quanto maior é o tempo de formação profissional, maior são os danos físicos e emocionais ocasionados pelo trabalho, tornando-se comum o uso de medicamentos para superar as condições adversas do ambiente acadêmico. Dessa maneira, a automedicação passa a ser uma forma rápida de alívio dos sintomas desencadeados pela docência e que educadores tendem a se automedicar, principalmente por apresentarem conhecimento mais extenso sobre os medicamentos (VIVIAN; TRINDADE; VENDRUSCOLO, 2020).

O principal desafio para a realização deste trabalho foi que os estudos encontrados abordaram apenas a prática da automedicação, não havia estudos sobre o uso de medicamentos prescritos pela comunidade universitária. Também não foram encontrados estudos que abordassem fatores associados ao uso de medicamentos entre discentes e docentes do ensino superior. Outra limitação, foi a carência de trabalhos focados nos professores, ressaltando uma alta discrepância em comparação aos voltados para estudantes universitários. Contudo, esta revisão integrativa possibilitou um novo olhar a partir da síntese de informações que podem orientar intervenções para reduzir os riscos da prática de automedicação, como a adoção de medidas de educação e promoção da saúde, através de ações acompanhadas por um profissional da área da saúde. Uma atuação maior dos órgãos responsáveis, debates com a comunidade, assim como a participação do farmacêutico educando e promovendo a racionalização de medicamentos, são ações que iriam contribuir de forma mais efetiva.

## 6 CONCLUSÕES

Nessa revisão, foi possível verificar uma alta prevalência no uso indiscriminado de medicamentos por estudantes de ensino superior dos mais variados cursos, incluindo os acadêmicos da área da saúde, o que reflete a utilização de medicamentos na sociedade em geral.

Professores e discentes passam por estresse e sobrecarga que provocaram dores causadas pelo desgaste físico, fazendo-os recorrer ao uso abusivo de medicamentos para o alívio de sintomas desencadeados pela Academia, sendo os analgésicos e antipiréticos utilizados com maior frequência e o sexo feminino o mais adepto dessa prática entre estudantes.

Percebe-se uma grande necessidade no desenvolvimento de estudos sobre uso de medicamentos pelos professores, já que este fator ajudará a ter uma melhor compreensão dos níveis de automedicação em uma escala maior. Além disso, faz-se necessário a implantação de estratégias que conscientizem os educandos sobre o uso racional de medicamentos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L., SOARES, A. C. G. M.; SIRQUEIRA, R. S.; SOUZA, V. G.; FRAGA, R. R. A.; SANTOS, T. L.; DANTAS, A. S. C.; SANTOS, R. S.; SILVA, D. S.; JÚNIOR, A. S. L. Análise do uso de anfetaminas por universitários de medicina em Sergipe. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 11, p.1-8, 2020.

ANDRADE, E. L., MORENO, V. G., LOPES-ORTIZ, M. A. Perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população universitária, frente a pandemia da Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.7, p.73772-73784, jul. 2021.

BATAIER, V. S.; PEGORETE, T. R.; LAWALL, P. Z. M.; CALVACANTI, P. P. Automedicação entre docentes de nível superior. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 81, n. 19, p. 11-18, 2017.

BERNARDES, H. C., COSTA, F. F., WANDERLEY, J. C. S., FARIAS, J. P., LIBERATO, L. S., VILLELA, E. F. M. Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira. **Brazilian Journal of Health**, v. 3, n. 4, p. 8631-8643, 2020.

BORSOI, I. C. F.; PEREIRA, F. S. Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. **Universitas Psychologica**, v. 12, n. 4, p. 1213-1235, 2013.

COLARES, K. T. P.; BARBOSA, F. C. R.; MARINHO, B. M.; SILVA, R. A. R. Prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE**, v. 13, p. 1-9, 2019.

CRUZ, E. S.; SILVA, I.; AUGUSTO, V.; COELHO, A. Incidência da automedicação entre jovens universitários da área da saúde e de humanas. **Revista Saúde UniToledo**, v. 03, n. 01, p. 02-12, 2019.

DOS SANTOS, A. K. C.; ARAÚJO, T. A.; OLIVEIRA, F. S. Farmacoterapia e cuidados farmacêuticos da gripe e resfriado. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 16, n. 2, p. 137-155, 2020.

ESHER, A.; COUTINHO, T. Rational use of medicines, pharmaceuticalization and uses of methylphenidate. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, n. 8, p. 2571- 2580, 2017.

FACCI, M. G. D.; ESPER, M. B. S. B. Illness and medicalization by universit's professors due to precarization and intensification of labor. **Movimento-Revista de Educação**, v 7, n. 15, p. 50-78, 2020.

FERNANDES, F. R.; DE SOUZA, V. M. F. R.; PEIXOTO, A. C.; FIGUEREDO, R, C. Automedicação: a prática entre discentes do curso de biomedicina de uma instituição de ensino superior do interior do Tocantins. **Revista Amazônia Science & Health**, v. 8, n. 3, p, 20-35, 2020.

FREITAS, V. P.; MARQUES, M. S.; DUARTE, S. F. P. Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 11, n. 39, p. 25-37, 2017.

FREITAS, J. A. B.; FONTELES, M. M. F.; LIMA, M. E. S.; BACHUR, T. P. R.; CARVALHO, T. M. J. P. Medicamentos isentos de prescrição: perfil de consumo e os riscos tóxicos do paracetamol. **Revinter**, v. 10, n. 3, p. 134-154, 2017.

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 12, p. 3323-3330, 2012.

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S, R. Self-medication among nursing students in the state of Amazonas – Brazil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 1, p. 1-7, 2017.

LADEIRA, T. A.; PRADO, P. A.; INFRAN, F. Adoecimento e medicalização de professores do noroeste fluminense antes e durante a pandemia COVID-19. **Pedro & João Editores**, p. 183-196, 2020.

LIMA, M. G.; ÁLVARES, J.; GUERRA, A. A. J.; COSTA, E. A.; GUIBU, I. A.; SOEIRO, O. M.; LEITE, S. N.; KARNIKOWSKI, M. G. O.; COSTA, K. S.; ACURCIO, F. A. Indicators related to the rational use of medicines and its associated factors. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 1-9, 2017.

LIMA, D. M.; DA SILVA, J. S.; VASCONCELOS, L. F.; CALVACANTE, M. G.; CARVALHO, A. M. R. Avaliação da prática de automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-CE. **Revista Expressão Católica Saúde**, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2017.

LIMA, J. M. S.; SILVA JÚNIOR, C. G.; CUNHA, S. M. R. A. S.; LIMA, M. I. S.; NUNES, E. M. A prática da automedicação por universitários. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. 1-14, 2021.

MORAES, A. L.; ARAÚJO, N. G. P.; BRAGA, T. L. Automedicação: revisando a literatura sobre a resistência bacteriana aos antibióticos. **Revista Eletrônica Estácio Saúde**, v. 5, n. 1, p. 122-132, 2016.

MOURA, D. C. N.; PINTO, J. R.; MARTINS, P.; PEDROSA, K. A.; CARNEIRO, M. G. D. Uso abusivo de psicotrópicos pela demanda da estratégia saúde da família: revisão integrativa da literatura. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 15, n. 02, p. 136-144, 2016.

OPAS. OMS. Automedicação. Disponível em: <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/255\\_automedicacao.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html)>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PINHEIRO, M. F.; SILVA, R. N.; GARCIA, J. B.; RODRIGUES, F. S. M.; FORNARI, J. V.; BARNABE.; FERRAZ, R. R. N.; HELENE, R.; ABRAO, L. M.; ARÇARI, D. P. Avaliação transversal do perfil de indivíduos portadores de nível superior praticantes de automedicação. **Saúde em foco**, v. 6, p. 7-15, 2013.

PITTA, M. G. R.; LIMA, L. P.; CARVALHO, J. S.; TEIXEIRA, D. R. C.; NUNES, T. R. S.; MOURA, J. A. S.; VIANA, D. C. F.; PITTA, I. R. Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. 1-14, 2021.

RODRIGUES, B. B.; CARDOSO, R. R. J.; PERES, C. H. R.; MARQUES, F. F. Aprendendo com o imprevisível: saúde mental dos universitários e educação médica na pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, p. 1-5, 2020.

SANTOS, T. S.; ALMEIDA, M. M.; PESSOA, E. V. M.; PESSOA, N. M.; SIQUEIRA, H. D. S.; SILVA, J. M. N.; JUNIOR, R. N. C. M.; RODRIGUES, A. C. E.; SILVA, F. L.; SILVA, A. B. S.; PESSOA, G. T.; SOUSA, F. C. A. Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. **Scientia Plena**, v. 14, n. 7, p. 1-9, 2018.

SANTOS, K. K. A.; DOS SANTOS, T. A.; LUZ, D. A. A influência das redes sociais no uso irracional de medicamentos para combate ao COVID-19 por estudantes do curso de farmácia e profissionais de uma instituição de ensino superior privada. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, p.1-7, 2021.

SILVA, A. O. M.; SILVA, W. M.; FREITAS, J. G. A.; PEREIRA, M. F.; NIELSON, S. E. O.; BALESTRA, R.; SALVADOR, Z. L. A importância do farmacêutico na automedicação. **Revista De Trabalhos Acadêmicos-Universo-Goiânia**, n. 4, p. 1-13, 2018.

SILVA, A.; DOS SANTOS.; J. D. G.; SANTOS, S. O.; SOUZA, A. P. S.; KHOURI, A. G. Uso indiscriminado de analgésicos por discentes de uma instituição de ensino superior: um risco imperceptível. **Referências em Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-RRS-FESGO**, v. 2, n. 2, p. 22-29, 2019.

SOARES, R. X.; SOUSA, M. N. A.; ARAÚJO FILHO, J. L. S.; MARIANO, N. N. S.; EGYPTO, I. A. S. Dor em neonatos: avaliações e intervenções farmacológicas e não farmacológicas. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 18, n. 1, p. 128-134, 2019.

SOBRAL, C. C.; BEZERRA, C. P.; SPANHOLI, I. R.; SILVA, L. K. W.; BORTOLAS, M.; TOLOTTI, M. H.; BRITO, N. J. N.; COSTA, F. M. A importância do uso racional de medicamentos. **Facider Revista Científica**, n. 11, p. 1-15, 2018.

SOTERIO, K. A.; SANTOS, M. A. A automedicação no brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, v. 9, n. 2, p. 1-15, 2016.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TARLEY, M. G. G.; HENRIQUE, E.; MIGUEL, M. A.; COSTA, M. H.; GONZAGA, H. F. S.; CARLI, F. V. B. O.; ZUTIN, T. L. M. Estudo comparativo do uso da automedicação entre universitários da área da saúde e universitários de outras áreas não relacionados à saúde na Universidade de Marília-SP. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 23, n. 1, p. 22-27, 2018.

VIDAL, E. R. S. Síndrome de Burnout em professores. **Pedagogia em Ação**, v. 9, n. 1, p. 39-46, 2017.

VIVIAN, C.; TRINDADE, L. L.; VENDRUSCOLO, C. Prazer e sofrimento docente: estudo na pós-graduação stricto sensu. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 20, n. 3, p. 1064-1071, 2020.